



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE- PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DE/CEDUC/UEPB)
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NA
PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

JARDIEL ARAÚJO DE SOUSA

**A DIDÁTICA DA MUSICALIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA JUNTO ÀS
CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.**

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

JARDIEL ARAÚJO DE SOUSA

A DIDÁTICA DA MUSICALIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA JUNTO ÀS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de Especialista em Educação Especial.

Orientadora: Profa. Ms. Ruth B. Araújo Ribeiro

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725d Sousa, Jardiel Araújo de.

A didática da musicalização [manuscrito] : um relato de experiência junto às crianças com Síndrome de Down / Jardiel Araújo de Sousa. - 2021.

17 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva) - Universidade Estadualda Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Ruth B. Araújo Ribeiro ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Educação inclusiva. 2. Síndrome de Down. 3.
Musicalização inclusiva. 4. Recurso didático. I. Título

21. ed. CDD 370.115

JARDIEL ARAÚJO DE SOUSA

A DIDÁTICA DA MUSICALIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA JUNTO ÀS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Pós Graduação em Educação, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação Especial.

Área de concentração: Educação Inclusiva.

Aprovada em: 16 / 02 / 2021

BANCA EXAMINADORA

Ruth B. Araújo Ribeiro

Profa. Ms. Ruth B. Araújo Ribeiro-Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Diana Sampaio Braga

Profa. Dra. Diana Sampaio Braga
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Livânia Beltrão Tavares

Profa. Dra. Livânia Beltrão Tavares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sumário

1 INTRODUÇÃO	5
2 A SÍNDROME DE DOWN: UM POUCO DA HISTÓRIA	6
3 CONTRIBUIÇÃO DA MUSICALIZAÇÃO INCLUSIVA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DA PESSOA COM SINDROME DE DOWN.	8
4 RELATO DE EXPERIÊNCIA: A DIDÁTICA DA MUSICALIZAÇÃO JUNTO ÀS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.	10
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS	18

DIDÁTICA DA MUSICALIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA JUNTO ÀS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.

MUSICALIZATION TEACHING: AN EXPERIENCE REPORT WITH CHILDREN WITH DOWN SYNDROME.

Jardiel Araújo de Sousa

RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar a influência da musicalização junto ao grupo de crianças com Síndrome de Down que participam do NAISM (Núcleo de Atenção Integral a Saúde Mental no município de Boa Vista-PB), identificar a música como uma ferramenta facilitadora da interação social da criança com Down, assim como, também, mostrar esses fatores através do relato de experiência. Esta pesquisa é de relevância para que os professores de música possam conhecer a didática inclusiva utilizada no NAISM e que é possível desenvolver as atividades de musicalização para crianças com síndrome de Down. Por meio dessa abordagem, foi observado que a musicalização pode ser uma ponte colaboradora para o desenvolvimento das pessoas com deficiências e especificamente na saúde mental. Diante deste trabalho, foi notado que a musicalização proporcionou uma transformação na aprendizagem, na interação social e melhora na linguagem das crianças. A música é uma ferramenta importante terapêutica e de inclusão social, além de humanizar as formas de tratamentos na saúde mental.

Palavra-chave: Síndrome de Down. Musicalização Inclusiva. Didática.

ABSTRACT

The present work aims to present the influence of musicalization with the group of children with Down Syndrome who participate in NAISM (Center for Comprehensive Mental Health Care in the city of Boa Vista-PB), identifying music as a tool that facilitates the social interaction of child with Down, as well as showing these factors through the experience report. This research is of relevance so that music teachers can get to know the inclusive didactics used in NAISM and that it is possible to develop music activities for children with Down syndrome. Through this approach, it was observed that musicalization can be a collaborative bridge for the development of people with disabilities and specifically in mental health. In view of this work, it was noted that musicalization provided a transformation in learning, social interaction and improvement in children's language. Music is an important therapeutic and social inclusion tool, in addition to humanizing forms of treatment in mental health.

Keyword: Down syndrome. Inclusive Musicalization. Didactic.

1 INTRODUÇÃO

Quando se trata da musicalização, compreendemos que a mesma sempre esteve presente na humanidade; seja através do canto ou através de sons de instrumentos ou até mesmo, a própria natureza em seus movimentos entre o vento e a água produzem sons musicais. Isso mostra que, enquanto seres humanos, estamos rodeados pela música.

Tratando da música como ferramenta didática pedagógica compreendemos que ela perpassa as entrelinhas do papel e do lápis e chega na audição das crianças com sua suavidade ou barulho e transforma sua cognição, sua concentração e suas habilidades de aprendizagens de maneira que contribui para os aspectos pedagógicos do aluno.

Partindo desse princípio, enquanto professor de música do Núcleo de Atenção Integral da Saúde Mental do município de Boa Vista, percebi que a musicalização, juntamente com a didática inclusiva, pode ser uma ferramenta significativa para o desenvolvimento das pessoas com deficiências e que, por meio dela, podemos contribuir para que as crianças com síndrome de Down possam ter uma melhor qualidade de vida.

Para tanto, objetivo neste trabalho apresentar, por meio da musicalização o desenvolvimento dos aspectos cognitivos das crianças com Down como concentração, atenção, assim como também, apresentar como essa ação desenvolve regras e limites para o convívio social, melhorar a comunicação verbal e não verbal, como, também, explorar as potencialidades dos pacientes com Down por meio das habilidades musicais junto a realização das oficinas.

Como metodologia, usamos a metodologia participante onde buscou-se envolver as crianças com síndromes de Down da instituição do NAISM e, por meio desta, partiu-se à construção da análise e levantamentos de dados tomando como base as oficinas de musicalização. Os instrumentos para a realização da pesquisa foram a observação e o detalhamento da evolução de cada criança por meio dos prontuários que, ao término das oficinas, pontuava os aspectos positivos e negativos dos participantes durante as oficinas de música.

Para tanto, usamos como base teórica os autores LOURO (2018) e PENNA (2015). Esses autores estão na linha de musicalização e educação

inclusiva, além de proporem atividades musicais inclusivas para os professores de música para estarem colocando em prática nos mais diversos espaços com uma didática inovadora. Com relação ao embasamento teórico para compreendermos mais claramente a síndrome de Down, nos debruçamos à luz de Pueschel (1993) e Jérôme Lejeune (1958) que abordam tais temas com total clareza.

Esperamos que esse artigo venha contribuir para todos aqueles que acreditam em uma didática da musicalização inclusiva e se interessar na leitura ou até mesmo na realização da prática metodológica do nosso trabalho.

2 A SÍNDROME DE DOWN: UM POUCO DA HISTÓRIA

Por muito tempo, as pessoas com deficiências ficaram sem proteção jurídica, com seus direitos ameaçados e fragilizados. Foi por meio da Declaração Universal de Direitos Humanos e a Convenção Internacional da Pessoa com Deficiência que foi garantido o direito da pessoa com deficiência para a inclusão social, como também, para tratar e reabilitar as pessoas que a Segunda Guerra Mundial, tornara deficientes; momento em que muitas pessoas surgiram com algum tipo de deficiência ou sequelas.

Com o passar do tempo e com o avanço de pesquisas científicas, outras patologias foram sendo descobertas a exemplo da deficiência intelectual (DI) que é uma das características mais comuns observadas em portadores da Síndrome de Down (SD). As pessoas com Síndrome de Down, doravante SD, apresentam um bom desenvolvimento cognitivo na infância que vai até a vida adulta. No entanto, a perda cognitiva começa depois da idade adulta que está associada comumente a processo demencial.

Síndrome de Down é uma anormalidade derivada da desordem cromossômica da trissomia do cromossomo 21 e tem como uma das consequências a deficiência mental, intelectual e déficit cognitivo como citado no parágrafo acima. Pueschel (1993, p. 54) aponta que “geneticistas detectaram, subseqüentemente, que, além deste, havia outros problemas cromossômicos em crianças com Síndrome de Down. A exemplo do, translocação e mosaicismo”.

O médico francês Jérôme Lejeune (1958) foi o responsável pela descoberta fabulosa sobre a causa da alteração genética da síndrome de Down,

pois tratava-se da primeira desordem cromossômica descrita por um cientista. Por muito tempo, a pessoa com síndrome de Down foi considerada como retardada, incapaz e, em alguns lugares do mundo era até considerada como um monstro. Como afirma SCHUWARTZAMAN (1999),

Na cultura grega, especialmente na esparta, os indivíduos com deficiências não eram tolerados. A filosofia grega justificava tais atos cometidos contra os deficientes postulando que estas criaturas não eram humanas, mas um tipo de monstro pertencente a outras espécies. (SCHUWARTZAMAN, 1999, p. 3-4).

A construção da identidade das pessoas com a síndrome não as diferem das outras crianças no processo da construção social e cognitiva, porém, o que mais possibilita o desenvolvimento e o desempenho da pessoa com Síndrome de Down no ambiente social é o reconhecimento precoce da deficiência.

Identificar precocemente a presença de algum distúrbio, bem como o grau da sua evolução é contribuir para o planejamento do tratamento, terapia e para uma melhor construção na qualidade de vida do indivíduo, contribuindo conseqüentemente para um diagnóstico precoce e específico.

Na maioria das vezes a mãe é a primeira a sofrer com um impacto maior ao receber a notícia que seu filho tem alguma deficiência e passa por um momento conturbado e um possível processo depressivo até a aceitação, pois, acordo com AMIRALIAN (2003):

A descoberta de uma deficiência no filho, com todas as perdas que envolve, é uma situação propiciadora ao desenvolvimento de um estado depressivo na mãe, que a levará ao afastamento de seu bebê, impedindo-a de alcançar o estado de preocupação materna primária, necessário a uma boa acolhida deste. E nesse momento inicial, quando o bebê necessita que lhe seja fornecida uma total adaptação a suas necessidades, ele, muitas vezes, é posto em um lugar de estranheza e desconhecimento, com a mãe sofrendo suas próprias dores, que a tornam incapacitada para assumir seu papel (AMIRALIAN, 2003, p. 106).

Geralmente, as famílias esperam uma criança tida como “normal” e o nascimento de um filho com síndrome de Down, de certa forma, causa um impacto significativo na vida de cada membro familiar. Os sintomas mais frequentes pelos familiares são os sentimentos de medo, insegurança e muitas das vezes a não

aceitação. Assim, é necessário esperar a família sair do luto e respeitar o momento de adaptação junto a criança.

Desse modo, o núcleo familiar será o primeiro espaço no qual ocorrerá a inclusão, para que todos possam se adaptar à nova rotina. É inegável que, dentre todos os membros familiares, é aos pais que é dado o papel, extremamente relevante, de atuantes e inclusivos para o estímulo da criança e, respectivamente, o desenvolvimento e a aceitação.

Para tanto, objetivando uma melhor convivência social para esses pequenos, se faz necessário que a família insira a criança no âmbito escolar ou em espaços especializados e junto a ajuda terapêutica, aprofundam-se e conheçam sobre as possibilidades de estímulos para que o indivíduo com Down possa ser inserido no âmbito social de maneira igualitária e com seus direitos garantidos.

3 CONTRIBUIÇÃO DA MUSICALIZAÇÃO INCLUSIVA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN.

A música está presente em nosso dia-a-dia nos mais diversos espaços e contextos sociais que possamos imaginar. A música, nos últimos tempos, vem sendo utilizada com mais frequência como ferramenta de inclusão, auxiliando assim, no desenvolvimento de pessoas com necessidades educacionais especiais.

As atividades de musicalização para as pessoas com Síndrome de Down podem ser uma grande auxiliadora para o desenvolvimento cognitivo, assim como para contribuir na comunicação, interação social e na psicomotricidade. Desse modo, compreendemos que é de suma importância que pessoas com Down tenham acesso à musicalização. O diagnóstico precoce é importante para que se possa trabalhar os estímulos sensoriais, como, também, suas habilidades específicas com a relação a arte musical.

O diagnóstico, nos primeiros anos de vida, é ponte para que o professor de música desenvolva uma didática adequada e correspondente às dificuldades de aprendizagem da pessoa com Down. O objetivo do tratamento da estimulação precoce é facilitar e corrigir o desenvolvimento anormal das funções do sistema nervoso na criança deficiente, que possui lesão do sistema nervoso ou dos seus órgãos sensoriais receptores (BARBOSA, 1993, p.419).

Desse modo, ressaltamos a importância do diagnóstico precoce antes de

realizar qualquer intervenção, seja ela terapêutica ou com propósito educacional para auxiliar na aprendizagem. É de suma importância que os professores e profissionais na área da educação especial possam observar e compreender a capacidade e limitações de seus alunos com deficiências durante suas aulas para que possam construir juntos um espaço igualitário e sem exclusão por meio das atividades didáticas.

Sendo assim, a musicalização é utilizada como recurso terapêutico e pode ser uma influente ferramenta de pessoas especializadas na área da saúde mental ou musicoterapia. Porém, é importante que o educador musical desenvolva essas atividades acompanhado por um profissional da área especializada para observar o desenvolvimento das aulas/oficinas de música. Segundo PENNA (1990, p. 19) Musicalização se define como: ato ou processo de musicalizar. Musicalizar(-se): tornar(-se) sensível à música, de modo que, internamente, a pessoa reaja, mova-se com ela.

Compreendemos que a construção das aulas ou oficinas de música são fatores determinantes para que de fato possam incluir crianças, jovens e adultos no contexto da percepção musical voltado para a realidade sonora do cotidiano. Maura Penna concorda conosco quando ressalta que:

[...] musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo. Pois nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado ao quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos (PENNA, 2010 p. 33).

Segundo a autora antes de tudo, o educador musical deverá saber planejar atividades que motivem a turma e, ao mesmo tempo, permita o desenvolvimento de suas habilidades; empregar os recursos disponíveis, mesmo que em alguns casos sejam limitados é importante para o processo educativo dessas crianças. Ou seja, é importante o educador musical apresente uma didática com praticas que favoreçam a adaptação e inclusão da criança com Dawn. Pois, muitos estudos comprovam, cientificamente, que a educação musical no contexto inclusivo fornece contribuições para as pessoas com deficiências e essas contribuições, trazem os indivíduos ao convívio social onde, muitas vezes, estavam excluídos,

esquecidos. E por meio do contato com a música passaram a ganhar confiança, conquistando autonomia. Dessa maneira, segundo SANTOS (2006), a aprendizagem é concebida por meio da interação do sujeito com o mundo onde um vai interferir no outro. E

o trabalho com a música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de entendimento acessível as crianças. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social (BRASIL, 1998, p. 49).

Por fim, a música é uma das poucas atividades que trabalha e faz acontecer o funcionamento de quase todo cérebro. Segundo Maura Penna (2015), cabe ao professor de música ampliar seus próprios horizontes, pois não basta saber música para poder ensinar música. Desse modo, considerando na perspectiva da educação inclusiva o professor tem o dever de buscar especializar-se para poder desenvolver um trabalho bem sucedido na área da educação musical inclusiva.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA: A DIDÁTICA DA MUSICALIZAÇÃO JUNTO ÀS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.

Quando tratamos de didática entendemos que esta se encontra presente no nosso dia a dia. Pois, cada ação que desenvolvemos na maioria das vezes, são planejadas para depois, serem executadas. E em sala de aula, esse fato também não é diferente, porque nesse espaço, a didática aparece como uma ferramenta fundamental para nos fornecer as mais diversas estratégias de ensino que resultam na melhor maneira de medirmos a aprendizagem e participação do aluno no ambiente escolar.

Nessa conceituação consideramos que a didática necessita se fazer presente também nas aulas de musicalização. Pois é junto a ela que encontramos melhores meios de planejar e orientar as ações inclusivas junto as criança com Down. É ela que nos fornece clareza, objetivos e metas sobre nossas ações frente a musicalização. Pois acreditamos que não podemos apenas cantar, ou tocar uma música aleatoriamente. Mas, buscamos através de cada nota tocada, de cada letra cantada fazer diferença na inclusão da criança com Down no contexto social. Pois,

acreditamos que a ação do ensinar, da interação e da inclusão não pode se limitar apenas a métodos tradicionais.

Dessa forma, Vasconcelos (1996), vai nos dizer que a aprendizagem precisa vir inserida em uma dialética processual a qual propõe o papel condutor do professor e a auto-atividade do aluno com ensino que provoque a aprendizagem através de tarefas contínuas do sujeito. De tal forma que esse processo esteja interligando o aluno(a) a disciplina estudada, junto a mediação docente. E é nessa perspectiva que desenvolvemos as oficinas de musicalização no NAISM.

O NAISM acontece desde 2017 - É órgão ligado à prefeitura. E no decorrer de sua implementação, como músico, fui convidado para fazer parte dos profissionais dessa instituição. A musicalização no Núcleo surgiu como mais uma ferramenta para auxiliar as diversas terapias complementares que fazem parte do tratamento psíquico das crianças e por meio da música, se traz um olhar mais humanizado aos atendimentos.

A musicalização é realizada no Núcleo de Atenção Integral da Saúde Mental do município de Boa Vista-PB, conhecida carinhosamente entre a população como NAISM. Esse espaço tornou-se um centro de referência em toda Paraíba em tratamento psíquico social. É importante ressaltar que a instituição é mantida com recursos próprios e foi implementada a partir da gestão em 2017, com o prefeito André Gomes e a então secretária de saúde na época Carol Gomes. A instituição conta com uma equipe multiprofissional como Artesã, Educador Musical, Educadora Física, Enfermeira, Fonoaudióloga, Psicóloga, Psiquiatra e Psicopedagoga,

As atividades de musicalização no Núcleo têm como objetivo contribuir aos usuários com síndrome de Down a inclusão social e o bem estar como um todo. É por meio das oficinas de musicalização que são desenvolvidos os trabalhos em grupo e, por vezes, os atendimentos acontecem individuais dependendo da necessidade de cada paciente.

O contato com os familiares das crianças é fundamental, pois através dele é possível conhecer o ambiente familiar e sócio cultural no qual a criança pertence. Assim como também, buscar junto a família o gosto musical das crianças para desenvolver atividades junto a uma didática musical com propostas mais significativas direcionadas para a realidade musical e o cotidiano das crianças com Down. Segundo Landrino (2003):

“O ambiente familiar, a experiência musical, os contactos musicais que esta pessoa tem, a bagagem musical deste indivíduo. Se ele ouve discos em casa, se ele gosta de rádio, se gosta de música, que tipo de música o atrai. Deve-se saber de que música ele gosta e estimulá-lo, fazendo com que comunique esta música, lhe mostre esta preferência[...]” (LANDRINO 2003, p.17).

Desse modo, o contato com a família vem reforçar para nossas oficinas de musicalização um planejamento mais coeso. Pois, ficamos sabendo dos gostos musicais das crianças e trazemos para nossas atividades um repertório musical direcionada a realidade de cada uma, fazendo com que participem ativamente da oficina de musicalização.

Durante as oficinas ministradas contamos com 12 crianças, as quais apresentam uma diversidade de patologias. No entanto, pelo trabalho aqui exposto se caracterizar em uma artigo escolhemos apresentar apenas a interação das duas crianças com Down e deixar para um outro momento a ampliação da participação das demais crianças. A idade dos participantes variam entre 08 e 11 anos de idade. As atividades são realizadas uma vez por semana durante todo decorrer do ano e os encontros semanais têm a duração de 50 minutos.

As oficinas são conduzidas por mim, Educador Musical, e por vezes também a Psicopedagoga participa das intervenções para observar o desenvolvimento das crianças e o comportamento durante a socialização.

Essas são baseadas na paisagem e identidade sonora musical das crianças com Down, como comentado anteriormente, é uma didática bastante significativa que busca explorar uma diversidade de possibilidades para a elaboração das atividades e para o processo de musicalização das crianças.

A seguir, irei apresentar por meio do relato a minha vivência junto ao NAISM e como tenho realizado a oficina de musicalização na instituição com uma didática de musicalização diferenciada e inclusiva.

Usamos como intervenção metodológica a pesquisa participante, pois esse tipo de pesquisa proporciona ao investigador a observação por meio da participação junto ao objeto empírico. Ou seja, a pesquisa participante relaciona-se com a pesquisa prática. Como diz DEMO (2000, p.21) a pesquisa prática “é ligada à práxis, ou seja, á prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico”.

Dessa maneira mesmo como educador musical do NAISM, procurei seguir o rigor metodológico da pesquisa. Ação muito bem definida através dos relatos que irei apresentar, os quais tiver a oportunidade de me envolver cotidianamente com a comunidade, observando todos os aspectos necessários que fundamentam o relato que segue.

Nos primeiros dias que iniciei as oficinas, as crianças com Down participavam de maneira mais restrita e com dificuldade de socialização com o grupo. Uma das crianças chegava a chorar bastante por não querer largar da mãe e ficar sem a mesma na sala, um sinal de total dependência e super proteção dos familiares. Para que a criança pudesse permanecer na sala, a mãe teria que permanecer no ambiente, porém, com o passar do tempo, fomos orientando a mãe para que ela fosse deixando a criança mais independente, para que ela pudesse perder o medo de estar distante da mesma.

Depois de ter trabalhado estas questões, a criança apresentou uma melhora significativa com relação a socialização com o grupo, demonstrando interesse pelos instrumentos musicais, pelas atividades e, principalmente, pelos colegas, chegando ao ponto de sentir-se à vontade longe da mãe.

A criança mais velha com Down, além de ser tímida, também tinha a autoestima baixa, em quase todas as atividades que demandava fala e participação com todo grupo era de costume ouvirmos frases como “eu não consigo”, “não sei de nada”, ao decorrer das atividades foram trabalhados a criatividade, a atenção, concentração, a autoestima da criança para que ela pudesse entender e enxergar suas potencialidades. O resultado foi bastante significativo na vida da criança, pois conseguimos reverter o quadro e hoje apresenta uma melhora emocional positiva. As experiências musicais são valiosas para maturação emocional e o desenvolvimento de qualquer criança (LELIS, 2000, p. 28).

A oficina de paisagem sonora (figura 1) foi baseada no Educador Musical Canadense Murray Schafer, onde o mesmo, apesar de apresentar uma didática inovadora e foi bastante criticado pelos educadores musicais conservadores. Mas, ele desenvolveu um método em que o professor não busca o ensino sistemático de música e que pode ser executada dentro e fora da sala de aula por meio da paisagem sonora. A didática desta atividade possibilita aos professores liberdade para criar e recriar. Schafer diz que “[...] nenhuma coisa nesse livro, diz: ‘faça desse

modo'. Ele apenas diz: 'Eu fiz assim'. Ele pode estimular você a desenvolver o assunto além, e espero que isso aconteça [...]" (SCHAFER, 1991, p. 14).

Assim baseado no autor suparcitado, desenvolvemos uma oficina com construção de instrumentos alternativos. Essa foi uma das oficinas realizadas no NAISM, onde cada criança com meu auxílio pôde elaborar e criar diversos instrumentos musicais como o tambor com cano PVC, chocalho com garrafa de plástico e com caroços de arroz e um reco-reco produzido com madeira (figura 1). Durante a realização desta atividade foi observado que as crianças estavam atentas, obedecendo o processo de construção, socializando umas com as outras, além de estarem explorando suas potencialidades.

Durante a realização desta oficina, foi possível elaborar, juntos com as crianças, partituras alternativas que, por meios de figuras coladas na parede, representassem a paisagem sonora. Cada criança executou os sons utilizando os instrumentos construídos seguindo a sequência lógica das figuras. Esta atividade, por meio da composição, explorou a criatividade, regras, limites, atenção e concentração, além de melhorar a autoestima delas.

Figura 1- Paisagem Sonora e Instrumentos Alternativos



Esta oficina também teve o intuito de explorar a comunicação e interação social com o grupo por meio da imitação dos sons. A atividade foi intitulada de "seu imitador". Foi por meio do brincar e com o lúdico que as crianças desenvolveram suas expressões e construíram sua relação social com o grupo. Segundo o dicionário Aurélio, lúdico é "referente a, ou que tem o caráter de jogos, brinquedos

e divertimentos” (FERREIRA, 1986, p. 1051).

Assim como também afirma Weigel (1998, p.13):

Conseqüentemente, as brincadeiras musicais contribuem para reforçar todas as áreas do desenvolvimento infantil, representando um inestimável benefício para a formação e o equilíbrio da personalidade da criança e do adolescente. (Weigel,1998, p.13).

Cada criança deveria cantar a música “seu imitador” e ficar atenta para receber os comandos e cada uma delas por meio de sua espontaneidade criavam sons com a voz, com o corpo ou por meio de instrumentos musicais e logo em seguida todo o grupo imitavam o som que determinada criança elaborava.

As duas crianças com Down, apesar das dificuldades com a questão da interação com grupo, conseguiram realizar, com sucesso, essa atividade. Durante a realização da atividade foi notório a felicidade de cada uma delas e o prazer de estarem participando e, por meio do riso, demonstraram a alegria.

Figura 2- Imitação dos sons



As duas crianças com Down também eram bastante ansiosas, qualquer atividade era motivo para muita tensão e isto era percebido pela respiração elevada, como também na elaboração da fala. Durante as oficinas, trabalhamos essa demanda para que as crianças pudessem se concentrar durante as atividades. A música influencia sobre o metabolismo, a respiração, a pressão arterial, diminui a fadiga, aumenta os reflexos; diminui as tensões, a ansiedade e eleva o estado moral (ORMEZZANO; TORRES, 2002, p. 90).

É importante ressaltar que as mães das crianças com Down também são assistidas e orientadas no NAISM para estarem realizando intervenções e observações em casa com as crianças. Este tipo de trabalho é de fundamental importância para o desenvolvimento dos pacientes.

É notório o desenvolvimento de cada uma delas, melhorando a interação social, a comunicação verbal e não verbal, apresentando um bom desempenho na questão da timidez, na organização psicomotora e durante o período escolar melhorando a aprendizagem. Segundo SALLES (2002, p. 10):

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mão, são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem às necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. (2002, p. 10).

Esta é uma das conquistas de uma das crianças com Down a qual está representada na figura abaixo, na qual, ela iniciou um novo processo de ensino e aprendizagem com a bateria, chamamos este momento de sua primeira vivência musical ativa. Esta didática promove o contato direto com novas habilidades rítmicas e diversos desafios musicais.

Figura 2- Novas habilidades



Desse modo, por meio deste relato de experiência, compreendi a importância e a responsabilidade que o professor de música tem diante das diversidades encontradas no campo profissional e que uma didática com

metodologias diversificadas, é de suma importância para que se tenha um trabalho bem sucedido.

O projeto de musicalização possibilitou às crianças com Síndrome de Down do NAISM uma melhor qualidade de vida por meio de intervenções humanizadas utilizando a didática da música com o intuito terapêutico.

Concluimos que a música é uma ponte que liga a inclusão e a área da saúde e que é capaz de trazer respostas positivas ao desenvolvimento das crianças que estão em sofrimento psíquico e que são acometidas por algum transtorno psicológico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato possibilitou conhecer a implementação do Núcleo de Atenção Integral da Saúde Mental do município de Boa Vista-PB, como, também, analisar e apresentar os benefícios da musicalização as crianças com síndrome de Down por meio do relato de experiência.

A oficina de musicalização no NAISM possibilitou agir de forma positiva na vida das crianças com Down. Por meio das atividades desenvolvidas, conseguimos construir diversas habilidades como psicomotricidade, comunicação verbal e não verbal e o melhoramento da interação social.

Portanto, concluimos que a música é uma ferramenta importante para realizar intervenções em crianças com síndrome de Down e através de uma didática bem elaborada, podemos obter resultados exitosos, trazendo qualidade de vida, além de humanizar os atendimentos na saúde mental.

REFERÊNCIAS

- AMIRALIAN, M. L. T. M. A clínica do amadurecimento e o atendimento às pessoas com deficiência. *Natureza Humana*, v. 5, n. 1, jan.-jun. 2003a.
- BARBOSA, A. G. Critérios para estabelecimento de programas em estimulação precoce. *J. Bras. Psiquiatria*, v. 42, n. 8, p. 417-419, 1993.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Brasília, 1996.
- BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da

Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 3. Conhecimento de Mundo. MEC/SEF, 1998.

DEMO, Pedro. Metodologia do Conhecimento Científico. São Paulo: Atlas, 1981.
FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 2 ed. rev. e aum. 31 impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LANDRINO, Norma. Professor 1 da Secretaria Municipal de Educação da Escola Municipal Especial Marly Fróes Peixoto, na área de Educação Musical Especial, e Musicoterapeuta da Clínica da Casa Gerontológica da Aeronáutica Brigadeiro Eduardo Gomes.

LELIS, Cláudia M. C. A educação musical especial e a musicoterapia. In: ENCONTRO DA ABEM, IX. Anais... Belém, set. 2000. p. 27-32.

ORMEZZANO, Graciela R.; TORRES, Ma-ria Cecília A. R. Máscaras e melodias: duas visões em arte e educação. São Miguel do Oeste: Arco Íris, 2002.

PENNA, Maura. Reavaliações e buscas em musicalização. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

PENNA, Maura. Mr. Holland, o professor de música na educação básica e sua formação. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 23,25-33, mar. 2010.

PENNA, MAURA. A lei 11.79/2008 e a música na educação básica: quadro histórico, perspectivas e desafios. InterMeio: revista de programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, v. 19, n37, p. 5375, jan/jun.2011. Disponível em: <http://www.intermeio.ufms.br/ojs/index.php/intermeio/article/viewFile297/277>. Acesso em: 18 ago, 2020.

PUESCHEL, Siegfried. Síndrome de Down: guia para pais e educadores. Campinas: Papyrus, 1999. 308 p.

ANTOS, R. M. S. Música, cultura e educação: os múltiplos espaços de educação musical. Porto Alegre: Sulina, 2012

SCHAFER, Raymond Murray. O ouvido pensante. Tradução de Marisa T. O. Fonterrada, Magda R. G. Silva e Maria Lúcia Pascoal, São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SCHWARTZMAN, José S. Síndrome de Down. São Paulo: Memnon, 1999. 324 p.

WEIGEL, ANNA MARIA GONÇALVES. Brincando de Música. Porto Alegre, Kuarup, 1988.